

Sumário

Estado de Minas - 04/11/2017

Um povo que não lê.

Disponível em:

Um povo que não lê

APARECIDA NICOLAI CURTO
Diretora pedagógica do Colégio ICJ

O livro sobreviveu ao tempo, ganhou novas características, assumiu devida importância na sociedade e, indiscutivelmente, figura como uma das fontes mais inesgotáveis de conhecimento. É sempre oportuno celebrar sua invenção e lembrar-se de seus benefícios para o desenvolvimento educacional e econômico da nação. Livros conduzem pessoas a um estilo de vida saudável, transportam leitores para os lugares mais espetaculares da imaginação humana, além de informar e ajudar a diversificar o vocabulário. Estima-se que, no mundo, existam cerca de 130 milhões de títulos. A conta foi feita pelo Google e levou em consideração mais de 150 fontes, incluindo livrarias, catálogos nacionais e provedores comerciais.

Especialistas do mercado acadêmico, editorial e empresarial são unânimes em apontar que a falta de leitura limita as experiências e compromete o efetivo desenvolvimento do país. Em se tratando da realidade brasileira, os números não são acalhedores. Lamentavelmente, 44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro. No ano, leem-se apenas 4,96 livros – desses, 0,94 é indicado pela escola e 2,88 lidos por vontade própria. Do total de livros lidos, 2,43 são terminados e 2,53 lidos em partes. Não é surpresa que a obra mais lida em qualquer nível de escolaridade continua sendo a *Bíblia*, muito por causa da tendência à leitura fragmentada.

Os baixos índices podem ser melhorados, entre outras medidas, com investimento em leitura precoce. Aprender a gostar de ler com 30 anos é mais difícil que com 5, por isso o contato com os livros precisa acontecer desde os primeiros meses de vida. É, certamente, uma das formas mais efetivas de inserir as crianças em um mundo de sentidos e de significados que permite construção e ampliação cultural. Os pais são fundamentais nesse processo. Obra literária dedicada aos pequenos é o que não falta. Um exemplo positivo é o *Um dia, um rio*, do jornalista Leo Cunha. O texto e as ilustrações prendem o leitor do início ao fim. Um acontecimento “de adulto” – a vida do Rio Doce antes e após a tragédia causada pelo rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco – que, inicialmente, pode parecer de difícil entendimento, torna-se completamente inteligível, com texto e ilustrações belíssimos e adequados às faixas etárias menores.

A leitura faz muito bem! Uma pesquisa da Universidade Emory, dos EUA, descobriu que a ação afeta o cérebro e condiciona o leitor a se sentir como se realmente vivenciasse os eventos presos às páginas. Outros dois benefícios são também interessantes: proteção contra doenças, como mal de Alzheimer e demência, e estímulo ao senso crítico. Impulsionado por essas constatações, o Colégio ICJ tem, desde 9 de outubro de 2009, o Clube da Leitura, que conta com a participação voluntária de mais 40 alunos. Os integrantes são apaixonados por leitura e refinam-se a cada quinzena para conversar sobre livros, trocar ideias e conhecimento. De tanto ler, eles publicaram um livro com textos de autoria própria.



As bibliotecas brasileiras são pouco frequentadas e a comunidade ainda precisa se apoderar desse espaço, tornando-o dinâmico, acolhedor e interativo

No contexto escolar (e fora também), o bibliotecário é importante, porque ele se atenta aos mínimos detalhes, como direcionar os exemplares com letras maiúsculas àqueles que estão prestes a entrar na fase de alfabetização e verificar a indicação sinalizada pela editora. De modo geral, as bibliotecas brasileiras são pouco frequentadas e a comunidade ainda precisa se apoderar desse espaço, tornando-o dinâmico, acolhedor e interativo.

Numa era marcada por inovações tecnológicas, é inevitável lembrar que os livros digitais ganham cada vez mais espaço. Ao todo, das 794 editoras brasileiras, 294 produzem e comercializam conteúdo digital, o que representa 37% do setor editorial. Em 2016, o mercado de livros desse formato movimentou R\$ 42.543.916, representando 1,09% do mercado editorial. Os e-books não deixam de ser um suspiro, uma nobre tentativa de difundir conteúdos e disputar a atenção com outros atrativos nas telas.

Há muito o que fazer. Ler ainda não é uma tradição nacional e, infelizmente, muitos brasileiros foram do analfabetismo à TV sem passar na biblioteca. Um problema antigo que requer esforços consistentes dos pais, da escola, das instituições culturais e de todos aqueles que acreditam que a leitura é, sem dúvida, um dos pilares que sustentam um país.